



Revista Contexto GEGRÁFICO

Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
Programa de Pós-Graduação em Geografia
<http://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico>

CARACTERIZAÇÃO DO SETOR SOJÍFERO BRASILEIRO, PRODUÇÃO DE BIODIESEL E TENDÊNCIAS DE DESNACIONALIZAÇÃO

Domingos Sávio Corrêa

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Maceió, AL, Brasil
domingos.correa@igdema.ufal.br

RESUMO – O presente trabalho procura evidenciar a desnacionalização do setor sojífero no Brasil, bem como apresentar o histórico de algumas das grandes empresas participantes da sua cadeia de produção, e também aspectos relacionados ao processo de fusões e aquisições ocorrido no Brasil no período recente e intensificado nos anos da década de 1990. Neste trabalho, apresenta-se, portanto, uma caracterização do setor sojífero brasileiro, sua produção e investimentos na produção de biodiesel no Brasil. Algumas das empresas participam e possuem investimentos em todos os setores mencionados: soja, biodiesel e sucroalcooleiro. Algumas das empresas estudadas foram as Cooperativas Coamo, Carol e Comigo; a empresa Caramuru Alimentos S.A., de capital nacional, e as empresas estrangeiras: Bunge Alimentos, Cargill, ADM, LDC e Grupo Maeda (adquirido pela Cargill).

Palavras-chave: Fusões, aquisições; empresas; produção.

CHARACTERIZATION OF THE BRAZILIAN SOYBEAN INDUSTRY, BIODIESEL PRODUCTION AND DESNATIONALIZATION TRENDS

ABSTRACT – The present work seeks to highlight the denationalization of the soy industry in Brazil, as well as to present the history of some of the large companies participating in its production chain and also aspects related to the mergers and acquisitions process that occurred in Brazil in the recent and intensified period in the 1990s. In this work, we present, therefore, a characterization of the Brazilian soybean sector, its production and investments in the production of biodiesel in Brazil. Some of the companies participate and have investments in all sectors mentioned: soy, sugar and alcohol. Some of the companies studied were Cooperatives such as Coamo, Carol and Comigo Caramuru, with national capital, and foreign companies: Bunge Alimentos, Cargill, ADM, LDC and Grupo Maeda (acquired by Cargill).

Key words: Mergers, acquisitions; companies; production.

INTRODUÇÃO

No domínio da produção, transporte, esmagamento da soja e produção de óleo, o setor sojífero encontra-se formado por companhias estrangeiras e brasileiras, além de parcela significativa de cooperativas; entretanto, as companhias estrangeiras Bunge Alimentos (EUA), Cargill (EUA), Archer Daniels Midland-ADM (EUA) e LDCCommodities (França) controlam a maior parte da produção, exportação e esmagamento da semente de soja e são, respectivamente, as primeiras a aparecer nas diversas classificações de empresas. Dentre as mais relevantes: Anuário do Agronegócio (2009), Valor Grandes Grupos (2010), Valor 1000 (2011) e Exame Maiores & Melhores (2011). Conforme o Dicionário Aurélio, soja (feminino) deriva do japonês *shoyu*, ainda que os sojicultores brasileiros a tratem pelo masculino “o” *soja*.

Em uma caracterização do setor sojífero brasileiro, portanto, além das empresas estrangeiras, ele pode ser dividido com empresas de capital nacional e também diversas cooperativas. Dentre as maiores empresas de capital nacional, no setor, destacam-se: *holding* Amaggi (Rondonópolis, MT); Caramuru S.A. (Itumbiara, GO), Sperafico (Toledo, PR), Granol (São Paulo, SP), e Algar-Agro [antiga ABC-Inco (Uberlândia, MG)]. Entre as diversas cooperativas, podem ser mencionadas: Coamo (Campo Mourão, PR); Carol (Orlândia, SP), Comigo (Rio Verde, Go), dentre outras.

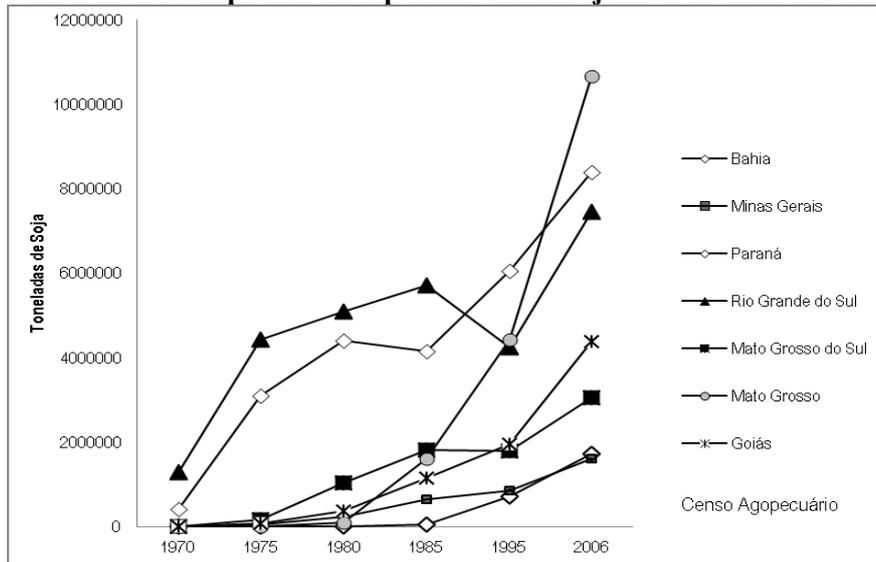
Mato Grosso fechou a safra 2010/11 com o recorde de produção de 20,5 milhões de toneladas e com produtividade de 55,6 sacas por hectare, na mesorregião Médio Norte do estado. Isso resulta da combinação de fatores geográficos, humanos e físicos que potencializaram a produção há mais de meio século, transformando áreas de alto custo de produção em áreas de intensa acumulação.

A PRODUÇÃO DE SOJA

A produção de soja no Brasil iniciou-se pelo Rio Grande do Sul, há cerca de um século, devido às condições climáticas em área de campos. Somente na década de 1940 e 1950 se observa uma política de incentivo à produção, destinada especialmente ao trigo – segundo maior item de importação, abaixo apenas do petróleo. Mas a partir das décadas seguintes, 1960 e 1970 é que a soja passa a receber incentivos de caráter federal. O planejamento estatal, que motivou desde o governo Getúlio Vargas a criação de infraestruturas de transporte (e portuárias), elaboração de estratégias de desenvolvimento econômico e integração nacional, inaugurou também a EMBRAPA e políticas de mecanização do campo – mais especificamente nos I e II PND (RANGEL, 1985).

O Gráfico 1, apresentado a seguir, mostra o desenvolvimento da soja no Brasil no período 1970-2006 nos respectivos estados produtores.

Gráfico 1: Principais estados produtores de soja – Brasil – 1970-2006



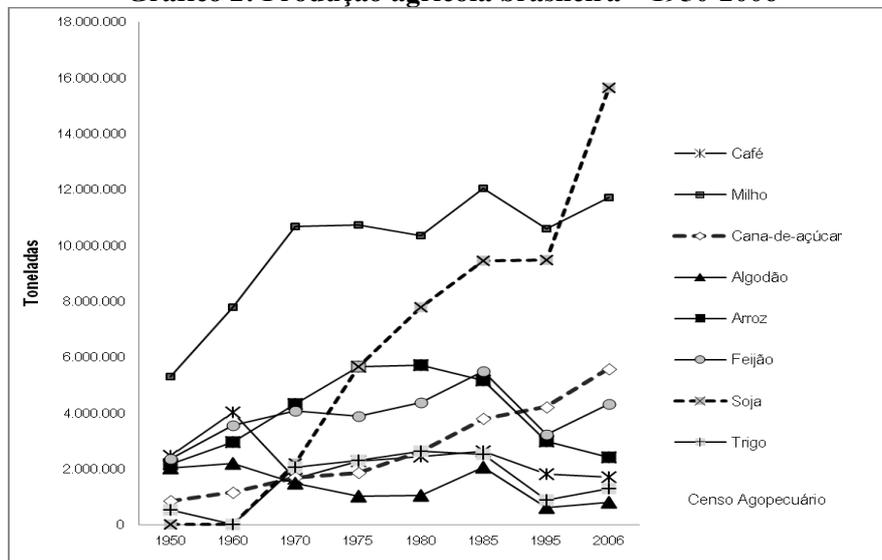
Fonte: IBGE. Censo Agropecuário, série histórica.

Outros quatro fatores de ordem internacional foram decisivos na política de incentivo à produção sojifera no País: novos padrões de mecanização no campo; o preço da soja no mercado internacional, aumento da produção de ração animal e significativa alteração no padrão

de consumo alimentar pela substituição da manteiga e banha por margarina e óleo vegetal, respectivamente. A soja já rivalizava terras no Rio Grande do Sul com a pecuária, e o arroz e o trigo propiciaram o desbravamento do oeste paranaense. Os solos ácidos dos cerrados no alto das chapadas do Brasil Central tornaram-se objeto de políticas agrícolas que atraíram a partir da década de 1970 contingentes de sítiantes e grandes fazendeiros, sobretudo do sudeste e sul do País, apoiados com acesso a terra de baixo custo, financiamentos do Banco do Brasil e auxílio técnico. Inicialmente a EMATER treinou os produtores no manejo do solo e posteriormente a Embrapa contribuiu decisivamente com o aprimoramento e desenvolvimento de novos cultivares de soja em terras tropicais.

A produção de soja se amplia no Paraná configurando na região Sul durante as décadas de 1970, 80 e 90, a mais expressiva produção da oleagionosa. Desta região, mas principalmente do estado do Paraná, migraram os atuais principais produtores de soja do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia, Pará, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí e, inclusive, muitos contingentes rumaram para a Bolívia (os “brasiguaios”). A formação social sulista teve papel fundamental na configuração da produção de soja de caráter empresarial, em consonância com os interesses do governo em ampliar a carteira de exportações como forma de enfrentar a crise de 1973. Nesse mesmo ano foi fundada a CEVAL, em Gaspar (SC), empresa que em menos de vinte anos se transformou na principal agroindústria do complexo sojífero da América Latina, posteriormente adquirida em 1999, pela Bunge, em uma estratégia de centralização da produção da empresa adquirindo várias outras pequenas fábricas de óleo no sul e sudeste do País. Por isso Gaspar (SC) é a sede atualmente da Bunge Brasil. O Gráfico 2, apresentado a seguir, mostra a produção agrícola brasileira no período 1950-2006, comparando-se diversos itens, com destaque para a tendência crescente de produção da soja desde 1960.

Gráfico 2: Produção agrícola brasileira – 1950-2006



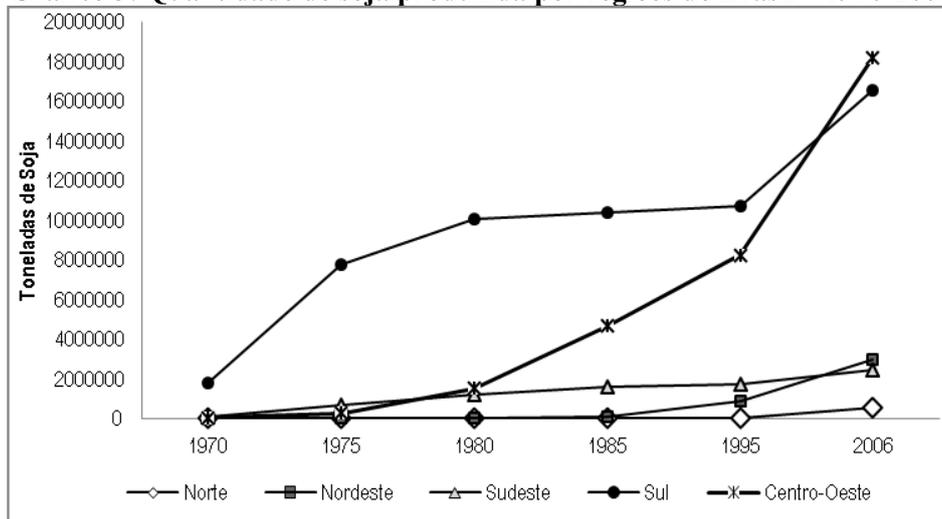
Fonte: IBGE. Censo Agropecuário. SIDRA, série histórica.

Neste contexto, pode-se observar o crescimento da produção sojifera no Brasil, iniciada no Rio Grande do Sul e direcionada para o norte, ocupando as terras catarinenses, paranaenses e daí se difundindo-se em direção às regiões Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil, inclusive com projetos de colonização.

Com o acentuado crescimento da soja em solos ácidos, foi utilizada a mecanização e irrigação nas chapadas de Mato Grosso; na década de 1990 ocorreu a migração de empresas nacionais do segmento de frigoríficos (bovinos e aves) e esmagadoras de soja para o estado. A divisão de

óleos da Sadia e a Ceval eram as maiores esmagadoras localizadas no Estado. Vale ressaltar que a Ceval era uma das maiores empresas da América Latina. Contudo, ali também foi gestada a Agropecuária Maggi. Inicialmente produtora e comerciante de grãos e sementes e posteriormente, esmagadora de soja. O Gráfico 3, a seguir apresentado, compara a produção de soja regiões brasileiras, no período compreendido entre 1970-2006.

Gráfico 3: Quantidade de soja produzida por regiões do Brasil – 1970-2006



Fonte: IBGE. Censo Agropecuário. SIDRA, série histórica.

A abertura comercial dos anos 1990 estimulou a transferência da propriedade da Ceval para a Bunge e a divisão de óleos da Sadia para a ADM. O grande *boom* de produção da soja nos anos 2000, estimulado pela queda dos estoques norte-americanos permitiram que o estado alcançasse altos índices de produtividade compensando os custos de produção e transporte.

Conforme Silva (2003),

Para que haja a acumulação ampliada de capital é necessário que diferentes processos de trabalho concreto estejam dispersos em vários lugares e integrados ao mercado, ao sistema de crédito e à mobilidade da força de trabalho. Daí a importância de dotar o espaço de uma funcionalidade e de operacionalidade através dos investimentos em transportes e comunicações e energia nos distintos lugares escolhidos pelo capital (SILVA, 2003, p. 13)

O Brasil possui atualmente (2010) capacidade para processar 177 mil toneladas de soja/dia, dos quais Mato Grosso e Paraná são responsáveis por mais de 72 mil toneladas. Entre 2002 e 2010, os investimentos em esmagamento de soja no Mato Grosso cresceram em 150%, e em Goiás 131%, saltando de 9 para 20 mil toneladas. Também Rio Grande do Sul, com expressiva capacidade de produção abaixo apenas de Mato Grosso e Paraná, ampliou em 50%, ou seja de 20 para 30 mil toneladas. Quanto à capacidade de refino e envase do óleo de soja, em São Paulo concentra-se mais de um quarto da produção nacional. Das 23 mil toneladas de óleo para refino ao dia no País, Paraná, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul juntos representam mais de 50%. A distribuição da capacidade de envase se repete no território, sendo que a capacidade total é 16 mil toneladas ao dia. Nesses oito anos verifica-se que Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo já detinham a maior parte da capacidade instalada, tendo ampliação em média de 20% a 30%. Os estados que mais receberam investimentos foram Mato Grosso e Goiás, cujo processamento, refino e envase apresentavam índices abaixo dos estados do Sul, mas no final do período acabou se igualado ou se aproximado deles.

Ainda conforme dados da ABIOVE, dos quase 70 milhões de toneladas de soja produzidas na safra 2010-2011, 29 milhões foram exportados e 36 milhões processados no País. Destes, foram fabricados 27 milhões de toneladas de farelo, sendo mais de 50% destinados à exportação e o restante para o mercado nacional. A produção de óleo de soja alcançou os 7 milhões de toneladas, sendo que 5 milhões foram destinados ao consumo interno e o restante à exportação. Houve crescimento expressivo da produção e do consumo interno do farelo e do óleo no período 2002-2003 e 2010-2011, com aumento entre 70 a 80%. No caso do farelo, é importante ressaltar que a ampliação da produção de carnes (bovina, suína e aves) permitiu a ampliação do mercado interno de ração animal.

Deste a década de 1990, o Centro-Oeste tem se caracterizado por localizar a produção de diversas empresas, sobretudo estrangeiras, reorganizando o espaço da sojicultura e da produção de óleo com o fechamento de parte das esmagadoras do sul e sudeste e a ampliação da capacidade de produção do Mato Grosso e estados vizinhos.

A PRODUÇÃO DE BIODIESEL

A partir de 2005 o governo passa a assegurar a compra de biodiesel através de leilões organizados pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP), adquirindo o combustível das empresas com o Selo “Combustível Social”. O Selo Social constituiu uma ação de promoção social no âmbito do governo Lula, implantada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, que determinava a produção de biocombustível com aquisição de matéria-prima (B100) oriunda da produção familiar nos seguintes percentuais: na região Nordeste, Sudeste e Sul, as empresas deveriam adquirir o equivalente a 30% da produção da pequena unidade agrícola; nas regiões Norte e Centro-Oeste, o percentual era da ordem de 15%.

Das sete usinas de biodiesel de origem animal, cinco eram de propriedade de grandes frigoríficos de carne bovina (entre eles: JBS, Bertin, Marfrig, Minerva) e uma era de compradora exclusiva do frigorífico de aves da Perdigão no Centro-Oeste. A dependência dos frigoríficos com o custo dos transportes, principalmente o segmento bovino, impôs ao setor a incorporação da frota de caminhões, de maneira que a redução de parte dos custos da movimentação de carga podia ser realizada na própria unidade, com a utilização do excedente de gordura animal na produção de biocombustível, tanto para consumo quanto para o mercado.

A maioria das usinas de biodiesel é capacitada para trabalhar com diversas fontes de matéria-prima. As usinas de biodiesel com uso predominante de gordura animal, agregadas aos frigoríficos, dependem do mercado de sebo e do mercado de diesel para avaliar se é mais vantajoso empregar a sua matéria-prima na produção de biocombustível. O principal setor do mercado de sebo consiste no abastecimento da indústria de higiene e limpeza, assim quando o preço da matéria-prima está valorizado ocorre sua transferência para a indústria de transformação em detrimento da produção de biodiesel. Nesta situação, as usinas mistas utilizam também como insumo os grãos oleaginosos, geralmente de soja.

A soja transgênica tem destino certo no biodiesel. Conforme entrevista realizada pelo autor com representante da Caramuru, a empresa utiliza soja transgênica na produção de biodiesel (entrevista realizada na unidade de esmagamento de soja da Caramuru, em Itumbiara, no dia 12/08/11). A produção deste novo biocombustível apresenta-se também como alternativa ao crescimento dos estoques de soja no mercado internacional, garantindo a demanda interna sem necessariamente promover grandes oscilações no preço. O farelo e a casca da soja, subprodutos do processo de extração do óleo de soja do B100 (biodiesel 100% puro), serão normalmente comercializados para a ração animal. Assim, a produção de biodiesel associado à sojicultura possibilita o consumo interno de parte da produção de soja,

atualmente exportada em grãos, ampliando a oferta insumos-base para a produção de alimento animal e, conseqüentemente, contribui para a cadeia agroindustrial de carnes.

O Quadro 1, a seguir apresentado, mostra as usinas de biodiesel por Unidades da Federação, no ano de 2011.

Quadro 1: número de usinas construídas de biodiesel por UF – 2011

UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº	UF	Nº
BA	04	PA	02	AC	0	PI	0
CE	01	PR	04	AL	0	RN	0
GO	06	RJ	02	AM	0	RR	0
MA	01	RO	02	AP	0	SC	0
MG	07	RS	06	ES	0	SE	0
MS	03	SP	07	PB	0	DF	0
MT	23	TO	02	PE	0	Total	70

Fonte: BiodieselBR, Mapa das Usinas de Biodiesel, 2011.

O governo de Mato Grosso, com o intuito de ampliar a participação da indústria na economia, desde o início dos anos 2000 procurou atrair empresas associadas as cadeias da soja, algodão, cana, carne e biodiesel. Com os maiores índices de produtividade e produção de soja e com o maior rebanho do País, o estado fomentou a verticalização da produção e ampliação do valor agregado das mercadorias. O estado de Mato Grosso detém o maior número de unidades de biodiesel, um terço de todo o Brasil – conforme o último levantamento da ANP, existem 66 unidades certificadas, das quais quase a metade está localizada no Centro-Oeste, sendo 22 em Mato Grosso. Para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, apenas 35 usinas detém o Selo Combustível Social. Dentre elas, 16 são do Centro-Oeste, das quais 11 localizam-se em Mato Grosso. A região foi privilegiada para a produção de biodiesel em larga escala – seja pelo baixo percentual de produção familiar ou pela existência de grandes empresas sojíferas e pecuaristas. Dentre as grandes empresas atuantes no setor, cabe mencionar a Petrobras, ADM, Caramuru, JBS, Comanche e Granol.

A COAMO (COOPERATIVA AGROPECUÁRIA MOURÃOENSE)

Breve histórico da Coamo

A Coamo foi idealizada e fundada em 1970 por José Aroldo Galassini, engenheiro agrônomo e produtor de grãos em uma área do Paraná (Campo Mourão), considerada imprópria para a exploração por causa da acidez do solo, da agricultura tradicional e de baixa mecanização (só existiam cinco tratores na região) (“Ele fez a Coamo decolar”. Dinheiro Rural, fevereiro 2011, nº 76, pp. 36-40.

Ela foi criada a partir da associação de 79 agricultores e capital social de Cr\$ 37.540,00, em um escritório com 50 m² de área. Com o aumento da produção de trigo na região, a cooperativa foi obrigada a alugar armazéns para receber a produção, porém com as sobras do exercício a partir de 1971 construiu um armazém próprio. Em 1974, foi aprovada a construção dos primeiros entrepostos, em Engenheiro Beltrão e Mamborê.

Em 1975, a Coamo instalou a sua Fazenda Experimental, uma loja de peças, implantou um moinho de trigo e passou a industrializar parte de seus produtos já em 1976.

Nos anos 80, com o crescimento do setor agroindustrial investiu na indústria de óleo de soja e fiação de algodão. Em 2000 foi inaugurada a fábrica de margarina (Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2010, p. 260 e Dinheiro Rural, Fevereiro 2011, pp.36-40).

Expansão geográfica

A cooperativa também expandiu-se com a incorporação de outras cooperativas: Copalma (1978) e Coopercentro (1979), localizadas no Paraná, e com a aquisição da Cooperal (1984) em Santa Catarina (Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2010, p. 260).

Também adquiriu estruturas de outras cinco cooperativas no Paraná: Coagel, Copiva, Coocap, Coopagro e Cocap, sendo que desta última incorporou a estrutura de Paranaguá, composta por fábrica de óleo de soja e terminal marítimo. “As fusões permitiram que o número de associados e a capacidade industrial crescessem rápido.” (“Ele fez a Coamo decolar”. Dinheiro Rural, fevereiro 2011, nº 76, pp. 36-40).

A Coamo é classificada como a maior empresa do setor soja de capital nacional. Trata-se da maior cooperativa da América Latina, com atuação concentrada nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, com uma área equivalente a 4 milhões de hectares, onde são plantados a soja (seu principal produto, responsável por 40% das receitas), além de milho, trigo, café e algodão (Valor Econômico, Valor 1000, Agosto 2006, p.150).

Apesar de concentrar-se geograficamente no Paraná e Santa Catarina, a Coamo passou a atuar no Mato Grosso do Sul a partir de 2003, quando iniciou a construção de entrepostos em Amambai, Caarapó, Laguna Carapã e Aral Moreira, a 280 km de Campo Mourão

Com 22.689 cooperados e receitas globais de \$ 4,78 bilhões, um ativo total de R\$ 3,80 bilhões, patrimônio líquido de R\$ 1,88 bilhão, mais de 100 mil pessoas recebem benefícios diretos do cooperativismo (cooperados, funcionários e familiares).

Possui capacidade de armazenagem de 4,77 milhões de toneladas. Sua participação na produção nacional de grãos e fibras é de 3,3% e 17% da safra paranaense; exportou montante equivalente a US\$ 761,61 milhões em 2010.

Emprega 5.234 funcionários diretos, e utiliza uma média de 1.599 colaboradores, temporários e terceirizados por mês. Realiza treinamentos e cursos de capacitação para seus funcionários e cooperados.

A área alimentícia da Coamo registrou o montante de R\$ 370,40 milhões, representando 8,8% do faturamento total da Coamo, em 2010, ano em que a Coamo foi listada como a 39ª maior empresa exportadora brasileira (Informações disponíveis em <http://www.coamo.com.br/> Acesso ao 30/09/2010 e em Valor Econômico, Valor 1000, agosto 2011, p. 290).

Além disso, a Coamo também opera a logística de transporte de seus produtos com 650 caminhões e 112 unidades de recebimento localizadas em 62 municípios, e conta desde 1989 com uma Cooperativa de Crédito, com patrimônio líquido (em 2010) de R\$ 140 milhões e ativos de R\$ 700 milhões. Em 1994 foi criada a Coamo Internacional, localizada em Aruba (Caribe), para auxiliar na operação com clientes externos.

A CAROL (COOPERATIVA DOS AGRICULTORES DA REGIÃO DE ORLÂNDIA)

Fundada em 1963, a Carol expandiu-se através da fundação de diversos centros de serviços agrícolas em Orlandia, São Joaquim da Barra, Guaíra e Ituverava, este último em 1987. A expansão para os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul ocorreu nos anos 90, e já no início da década de 2000, a expansão alcançou Mato Grosso e Tocantins.

A Carol atua na produção de farelo de soja, forrageiras, nutrição animal e sementes de soja nos estados mencionados. Ela aparece listada em 59º lugar, no Anuário do Agronegócio, entre as 500 maiores empresas por receita líquida (Revista Globorural, Anuário do Agronegócio, 2009, p. 38).

A COMIGO (COOPERATIVA MISTA DOS PRODUTORES RURAIS DO SUDOESTE GOIANO)

Em decorrência das dificuldades enfrentadas por um grupo de agricultores no interior do estado de Goiás, principalmente na venda de seus produtos a comerciantes e cerealistas, foi fundada a COMIGO. A cooperativa produz óleo de soja desde o início dos anos 80 (atualmente suas marcas são “Comigo” e “Brasileiro”). Inicia a produção de sabão “Comigo” em 1985, mesmo ano em que entrou em operação a Transportadora Comigo. Em 1988 surge a Cooperativa de Crédito Rural do Sudoeste Goiano Ltda. - CREDI-RURAL COMIGO. Em 1993, entra no setor de laticínios, no Parque Industrial de Rio Verde, com capacidade para processar 100 mil litros diários de leite, e produzir leite pasteurizado, requeijão cremoso, manteiga, creme de leite pasteurizado, iogurte, doce de leite, e vários tipos de queijo. Em 1995, para desenvolver a suinocultura na região, a COMIGO assinou um contrato com a empresa Dalland (Holanda), para a instalação de núcleo genético de suínos em Rio Verde. A *joint venture* passou a se chamar Dalland COMIGO.

Desde então, a cooperativa vem se desenvolvendo e se expandindo por Goiás, realizando dias de campo, feiras, inaugurando lojas, adquirindo terrenos para a construção de armazéns e silos, com atuação na produção de óleo e farelo de soja, fertilizantes, rações, produtos lácteos, suplemento mineral, sementes e sabão. A Comigo aparece listada em 63º lugar entre as 500 maiores empresas por receita líquida (Revista Globorural, Anuário do Agronegócio, 2009, p. 38) e em 68º lugar entre as 400 maiores empresas do agronegócio brasileiro (Revista Exame, “Melhores e Maiores”, 2011, p. 558).

A CARAMURU ALIMENTOS S.A.

A Caramuru é uma das maiores empresas de capital nacional do setor soja no Brasil, e sua sede localiza-se em Itumbiara, no estado de Goiás. Classifica-se em 11º lugar entre as cinquenta maiores empresas das regiões norte e centro-oeste (“1000 Maiores Empresas”. Valor Econômico, Agosto 2011, p. 390).

Breve histórico

O início das atividades remonta a 1964, quando foi fundada em Maringá (PR), por Múcio de Souza Rezende (era conhecida então por “Máquina Caramuru”). Em 1971, inaugurou sua primeira filial em Apucarana, e em 1973 tornou-se a matriz; dois anos depois inaugurou uma planta industrial de milho em Itumbiara (GO). Em 1983 ocorre o lançamento de sua marca “Sinhá”. Em 1986, inaugurou em Itumbiara as fábricas de óleo, farelo de soja e pré-cozidos de milho. Contava com 52 armazéns gerais distribuídos pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, no período 1980/1990.

Implantou unidade de óleo de soja em São Simão (GO), voltada para a produção de farelo e lecitina de soja em 1995; em 2001 abriu mais uma fábrica em Itumbiara, para extração e refino de óleos especiais, de milho e girassol; neste ano também ocorreu a modernização da marca “Sinhá”; em 2002, investiu em S. Simão, na produção, armazenamento e expedição de lecitina; inaugurou o Terminal XXXIX no Porto de Santos, construído em parceria com a Ferronorte; em

2003, adquiriu 5 locomotivas e 102 vagões graneleiros, para operar no trecho ferroviário entre o terminal da Caramuru de Pederneiras e o Porto de Santos; em 2006, investiu na produção, armazenamento e expedição de lecitina e de soja em Itumbiara.

Em 2007, implantou a unidade de produção de biodiesel em São Simão, a partir de óleos vegetais, e em 2010 inaugurou nova fábrica de biodiesel, localizada em Ipameri (GO), com capacidade de produção total de 450 milhões de litros de biodiesel por ano.

Em 2011 iniciou o processamento de soja em Sorriso (MT), aproximando-se territorialmente da produção de soja, pois tem predominado outras culturas em Itumbiara, principalmente a cana-de-açúcar.

Outras informações

A marca Sinhá, símbolo nacional do óleo produzido pela Caramuru, existe há aproximadamente 30 anos, e disputa mercado, no caso, principalmente com as diversas marcas presentes nas prateleiras dos supermercados, todas de propriedade das companhias estrangeiras.

A Caramuru desenvolveu-se no período processando a soja e produzindo óleos (soja, milho, canola), e diversificando sua linha de produtos (óleos saborizados, azeites, maionese, farofa, fubá, pipoca de microondas e bebida de soja). Além disso, a empresa exporta soja em grãos, farelo, óleo e lecitina de soja, e produz biodiesel a partir de óleo (Disponível em <http://www.sinhaalimentos.com.br/categorias/detalhes/3/Óleos%20Acesso%20aos%2023/10/2009> Acesso aos 16/11/2010).

Portanto, a Caramuru possui quatro unidades industriais em Itumbiara, duas em Apucarana e duas em São Simão; dois terminais portuários, sendo um em Santos (Armazém XXXIX) e outro no Porto de Tubarão (Vitória, ES), onde possui 23,42%, em associação com ADM (39,04%), Granol (31,23%) e Capri (6,31%); além disso, também possui e opera terminais: hidroviário, hidro-ferroviário e hidro-rodoviário; possui 61 armazéns, distribuídos pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná, com capacidade total de 2.015.000 toneladas (Histórico disponível em <http://www.caramuru.com/> e também em pesquisa realizada na unidade de Itumbiara (GO), em 12/08/2011). A unidade em Itumbiara (GO) é responsável por 15% do processamento de soja da empresa. Na tabela 1, a seguir, são apresentados outros dados da Caramuru.

Tabela 1: Síntese da Caramuru

	2008	2010
Nº de funcionários	2.350	2.404
Faturamento	R\$ 2,2 bilhões	R\$ 2 bilhões
Exportações do complexo soja	US\$ 458 milhões	US\$ 458 milhões
Processamento de soja	32.200.000	35.200.000
Participação da Caramuru	3,5%	3,5%
Processamento de óleo de soja refinado	--	1.800.000 ton/ano
Participação da Caramuru – óleo Sinhá	--	8%

Fonte: disponível em <http://caramuru.com.br> Acesso aos 22/12/2009 e em 25/08/2011.
Elaboração do autor.

A BUNGE ALIMENTOS

Histórico da Bunge. Por muitos anos a Bunge aparece nas diversas classificações no Brasil como a maior do setor desde 2005. Além de ser uma das maiores empresas do mundo é

também a maior processadora mundial de óleo de soja. A Bunge possui participação antiga no Brasil, brevemente relatada a seguir.

O conglomerado Bunge foi fundado em 1818, em Amsterdã, por Johannpeter G. Bunge, voltada para o comércio de produtos importados das colônias holandesas e também grãos. Em 1859, sob o comando de Ernest Bunge, descendente do fundador, a empresa começa a atuar na Ásia e África; no mesmo ano, a sede da empresa foi transferida para a Antuérpia. Em 1884, Ernest Bunge transfere-se para a Argentina e cria a Bunge y Born, para exportar grãos a partir daquele país.

O grupo Bunge atua no Brasil desde o início do século XX, quando adquiriu a Moinho Santista (que produzia as farinhas Sol, Santista e Paulista). Após adquirir a Cavalcanti & Cia, em 1923, alterou a sua razão social para Sanbra (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro), e lançou no mercado o primeiro óleo vegetal (marca: Salada), ao qual reputa-se a substituição na cozinha dos produtos banha de porco e azeite importado.

A partir de 1938 inicia a exploração da rocha fosfática; passa a produzir e comercializar fertilizantes, matérias-primas e nutrientes e assim surge a Serrana S.A., para a exploração da reserva de calcário da Serra do Mar (SP). Em 1956, lançou misturas preparadas para bolos e salgados e a Pré-Mescla, de produtos voltados para panificadoras.

A Bunge cresce muito no Brasil, e em 1990 torna-se um conglomerado com 136 empresas, entre elas a Santista Têxtil e uma empresa de informática (Monydata). Ela se reestrutura e passa a atuar em produtos alimentícios, bioenergia e fertilizantes (“Empresas que duram séculos”. Exame, 18/07/2011).

A reestruturação da Bunge – cujo objetivo era priorizar os negócios na área de grãos (soja) e fertilizantes, desfazendo-se do setor alimentos (no Brasil, a Ceval -setor de carnes; na Argentina a Molinos Rio de La Plata, e na Venezuela, a Gramoven) – iniciou-se pela Austrália, em 1998, quando vendeu os seus ativos correlacionados a área de farinhas e de massas, entre outros, por US\$ 276 milhões, para a Goodman Fielder (Gazeta Mercantil, 23/11/1998). Com a venda da Molinos Rio de La Plata, o Grupo deixa a marca Bunge y Born, e passa a denominar-se Grupo Bunge.

O Grupo Bunge, organizando seus negócios de fertilizantes, após adquirir a Fertilul, em 1996, e a IAP, em 1997, incorporou ambas na Serrana, em julho de 1998. A empresa, detentora de ações da Alpargatas – Santista Têxtil, vendeu as ações para a Bunge International, em uma estratégia do grupo de se desfazer de negócios dissociados do setor de fertilizantes (Gazeta Mercantil, 21/12/1998).

No mesmo setor, a Bunge comprou a Manah, por R\$ 143,8 milhões, e passou a controlar 25% do mercado de fertilizantes, distanciando-se da Cargill, 2ª colocada no ranking, com cerca de 10% de participação, em um setor onde cresce a participação estrangeira: a Norsk Hydro (Noruega), a maior indústria de fertilizantes mundial, assumiu a Aduvos Trevo (RS) (Gazeta Mercantil, 14/04/2000).

Em 1998 adquiriu a Ouro Verde, e em 2000 adquiriu a Manah, empresas do setor de fertilizantes, fortalecendo sua posição no setor com a criação da Bunge Fertilizantes, que incorporou a Serrana, Manah, IAP e Ouro Verde. Com a união da Ceval e da Santista, surge em setembro de 2000 a Bunge Alimentos, que em 2001 abre seu capital na bolsa de Nova York.

Nesse ano, adquire uma das maiores empresas do agronegócio da Argentina, a La Plata Cereal, também processadora de soja.

Em 2002 inicia procedimentos para adquirir o controle acionário da Cereol e aumentar sua participação na Europa e EUA, em ingredientes e óleos comestíveis. Em 2003 anuncia aliança com a Dupont, para ampliar negócios em alimentos e nutrição, o que resulta na criação da marca Solae, no setor de ingredientes funcionais de soja (“Por dentro da Bunge.” Dinheiro Rural, julho/2005 e também <http://www.bunge.com.br/> Acessado aos 05/05/2009). para produção e distribuição de proteínas de soja e lecitina, e posteriormente de outros ingredientes extraídos do milho e da soja para fornecer à indústria de alimentos. A participação da DuPont na nova empresa é de 72%, cabendo à Bunge, 28% (Gazeta Mercantil, 07/01/2003).

Em 2004, o grupo controla as empresas: Seara, Ceval (ramo de alimentação, soja e carnes), Santista Alimentos (que absorveu Moinho Santista e a Sanbra), a Covebrás e o Moinho Ideal; em massas e pães, a Pullman Alimentos, e é proprietário de marcas importantes como margarina Delícia, Primor e Mila, entre outras; em fertilizantes, controla a Manah, Serrana, Fertimport e IAP. A Seara, anteriormente de capital nacional, foi vendida para a Cargill que a revendeu para o Grupo Marfrig. Tais informações foram colhidas em visita à unidade da Bunge em Rondonópolis (MT), em 23/10/2004, e constam ainda em “Forbes Brasil” (16/07/2004).

A partir da década de 1990, após a reestruturação, a empresa passa a concentrar sua atuação mundial em três áreas complementares: fertilizantes, grãos, oleaginosas e produtos alimentares (farinhas, margarinas Delícia, Primor e Cyclus); óleos (Soya e Salada); cremes, gorduras, margarinas especiais, condimentos, etc., e fertilizantes das marcas IAP, Manah, Serrana e Ouroverde, etc.. A empresa passou a atuar fortemente no setor soja após a aquisição da Ceval, em 1997, da família Hering, em disputa acirrada com Cargill e ADM (Lodi, 1999, pg.59).

A Ceval faturava R\$ 2,5 bilhões no ano de sua venda, era a maior empresa do Grupo Hering e também uma das maiores empresas da América Latina. Assim, as aquisições da Ceval Alimentos e IAP visavam à liderança do segmento soja e fertilizantes, pois à época a Ceval era a maior esmagadora de soja na América Latina e a aquisição da Bunge revelava-se estratégica para atingir a liderança do setor. Na classificação da revista Exame, em 1997 a Ceval posicionava-se em 26º lugar, à frente de empresas como Copersucar, Cargill, Gerdau e Sadia, entre outras (“Melhores e Maiores”. Exame, junho, 1998, p. 64).

Em 2006, a Bunge fechou “temporariamente” (para nunca mais abrir) as unidades de Campo Grande (MS) e de Ourinhos (SP) (LIMA, s/d, mimeo.), uma antiga unidade da Sanbra. Atuava então em Ourinhos apenas através de seu escritório de comercialização.

Em 2008, a Bunge exportou, individualmente, 15 milhões de toneladas de soja, trigo, milho e outras *commodities* (Anuário do Agronegócio, Editora Globo: Outubro de 2009, p. 137).

A Bunge possui centros de distribuição e escritórios no Brasil, estrutura portuária para soja e trigo; processa soja e trigo, produz lecitinas, margarinas e maioneses; refina de óleo e produz gorduras, além de processar cana-de-açúcar, produzir açúcar e gerar energia nos seguintes Estados: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.

A Bunge: do setor de fertilizantes para o setor sucroalcooleiro

Após vender parte de seu setor de fertilizantes (minas de potássio) para a Vale, em janeiro de 2010, a Bunge pretendia reorganizar-se e capitalizar-se para aumentar seus investimentos no setor sucroalcooleiro. No primeiro semestre de 2011, a Bunge conta com as seguintes unidades sucroalcooleiras no Brasil: 1. Frutal (MG); 2. Itapagipe (MG); 3. Santa Juliana (MG);

4. Monte Verde (Ponta Porã, MS); 5. Ouroeste (SP); 6. Moema (Orindiúva, SP); 7. Guariroba (Pontes Gestal, SP) e 8 em Pedro Afonso (TO) (Disponível em <http://www.bunge.com.br/empresa/unidades.asp?categoria=Usinas&estado=%25> Acesso aos 02/07/2011).

Ao visar o setor sucroalcooleiro, a Bunge pretendia produzir 30 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, com investimentos anuais de cerca de US\$ 300 milhões (até 2012). Tende, portanto, a crescer e ampliar sua participação no setor de forma agressiva e a rivalizar diretamente com as maiores empresas de capital nacional do setor (Valor Econômico, “Bunge investirá US\$ 400 mi no país em cinco anos”, 01/02/2010, pg. A-11), em uma estratégia traçada antes da crise que acabou atingindo o setor.

É importante destacar que a aquisição das usinas do Grupo Moema reflete estratégia da Bunge na construção de negócio de larga escala e integrado nos segmentos açúcar e bioenergia; a localização das unidades do grupo revela-se estratégica, pois fica próximo dos mercados consumidores e possui logística para exportação (Disponível em <http://www.valoronline.com.br/?online/empresas/11/6020268/bunge-compra-usinas-do-grupo-moema&utm> Acesso aos 02/07/2011).

Localizada em São Paulo, na cidade de Orindiúva, a Usina Moema iniciou suas atividades industriais em 1982, inicialmente processando cana de açúcar para depois iniciar a produção de álcool anidro e álcool hidratado. Ao longo da década de 1980, a empresa construiu uma fábrica de açúcar (Disponível em <http://www.unica.com.br/> e em <http://www.usmoema.com.br/> Acesso aos 26/05/2010).

Ao mesmo tempo, a Bunge acertou com a Vale o transporte de etanol de sua usina no Tocantins até o porto de Itaquí (MA), e pretende continuar modernizando suas fábricas, portos e moinhos no Brasil, onde os “investimentos (...) para manutenção e expansão das instalações existentes chegam a R\$ 100 milhões, aproximadamente, por ano” (“Construímos um moinho no porto de Suape, estamos renovando o Moinho Fluminense, no Rio: queremos sempre estado da arte, não queremos ficar para trás” Entrevista de Alberto Weisser, CEO da Bunge).

A CARGILL AGRÍCOLA S/A

Trata-se da 2ª maior empresa do setor sojífero brasileiro. Produz óleos com as marcas Liza, Mazola, Purilev, Maria, Veleiro e Olívia; maioneses Liza, Maria, Gourmet e Mariana; molhos para salada; azeites Gallo e La Espanhola; também exporta álcool, açúcar e soja; etc..

Atuando no Brasil desde 1965 a Cargill tem sua origem no campo, a partir das atividades agrícolas, inicialmente no setor de produção de suco de laranja e produção de óleo, e constitui-se atualmente em uma das maiores indústrias de alimentos do País. Com sede localizada em São Paulo (SP), e de capital norte-americano, a operação brasileira possui unidades industriais e escritórios em cerca de 120 municípios, onde trabalham aproximadamente 6 mil funcionários.

Nos últimos anos, a Cargill tem ampliado os seus segmentos de atuação e aumentado sua presença no país, atuando em 18 estados, por meio de fábricas, escritórios, armazéns, transbordos e terminais portuários.

A Cargill adquiriu recentemente um frigorífico na Argentina. No Brasil, em 2004, fez uma importante aquisição: a Seara Alimentos (Disponível em http://www.terra.com.br/istoedinheiro/366/negocios/cargill_seara.htm Acessado aos 07/01/2008), que era administrada pela Bunge Alimentos, e em setembro (2009) a Seara foi vendida para o Grupo Marfrig.

A Cargill possui unidades de soja em Mairinque (SP), Uberlândia (MG), Ponta Grossa (PR), Três Lagoas (MS), Barreiras (BA), Rio Verde (GO) e Primavera do Leste (MT). Opera terminais portuários de exportação de soja em Paranaguá, Santos-Guarujá e Santarém, em instalações próprias através de concessão em Porto Velho.

Açúcar: exportação através do terminal açucareiro do Guarujá (TEAG-Guarujá) e T-33 Santos (SP), que são terminais operados pela Cargill através de *joint venture* com a Sociedade Operadora Portuária de S. Paulo e seu acionista majoritário, o Grupo Crystalsev. Produz etanol na CEVASA, em Patrocínio Paulista (SP) e em Itapagipe (MG). No setor óleos Industriais e Lubrificantes, atua nas cidades de Mairinque (SP) e Uberlândia (MG). Também produz cacau em Ilhéus e Porto Ferreira (SP); no setor Foods, atua em Mairinque (SP), Itumbiara (GO) e São José do Rio Pardo (SP); produz amidos e adoçantes em Uberlândia (MG), São Miguel do Iguaçu (PR), Porto Ferreira (SP) e Cosmópolis (SP) e atua em algodão no município de Rondonópolis, estado de Mato Grosso, onde é preciso assinalar sua atuação também na aquisição da soja, no armazenamento e estocagem de grãos em diversos silos espalhados pelo Estado.

A ARCHER DANIELS MIDLAND BRASIL (ADM) - DA PRODUÇÃO DE ÓLEO DE SOJA À PRODUÇÃO DE BIODIESEL

A norte-americana Archer Daniels Midland (ADM) anunciou a construção de sua segunda planta de biodiesel no Brasil, no município de Joaçaba (SC), a partir de março de 2011, e a previsão de sua conclusão para o primeiro semestre de 2012. A planta será construída em complexo onde já é feito o processamento de soja e o refino de óleos vegetais. Presume-se que a unidade produzirá cerca de 164 mil toneladas anuais de biodiesel, aumentando em 50% a capacidade total da empresa no país (a unidade em funcionamento localiza-se no município de Rondonópolis/MT) (Valor Econômico, “ADM investe em Santa Catarina”, 03/11/2010, pg. B-14). Avalia-se que o investimento contribuirá para a ampliação da oferta de biodiesel no Brasil.

A ADM é uma das maiores empresas mundiais em processamento agrícola e tecnologia de fermentação, e uma das maiores processadoras de soja, milho, trigo e cacau. Produz óleo e farelo de soja, etanol, adoçantes e farinha de milho; ingredientes para alimentos e nutrição animal. Com sede em Decatur, Illinois, a ADM tem mais de 26 mil funcionários, 240 fábricas de processamento e fechou o ano fiscal de 2006 (em 30 de junho) com vendas líquidas de US\$ 37 bilhões (Informações disponíveis em <http://www.admworld.com.br>. Acesso aos 31/10/2009). No Brasil, onde iniciou suas atividades em setembro de 1997, a ADM é a terceira maior processadora de soja e a segunda maior processadora de cacau do País, além de ser uma das maiores exportadoras da soja brasileira. A ADM opera quatro fábricas de processamento de soja com refinarias, uma processadora de cacau e duas misturadoras de fertilizantes, além de contar com misturadoras terceirizadas. À época de nossa visita à empresa, ela estava construindo uma fábrica de biodiesel também em Rondonópolis, cujas operações estavam previstas para iniciar no segundo semestre de 2007.

No Brasil, a ADM utiliza óleo de soja na fabricação de biocombustível, para poder atender a demanda de biodiesel de produtores rurais e setores ligados ao transporte rodoviário e ferroviário (Disponível em <http://www.biodieselbr.com/noticias/em-foco/adm-adia-inicio-operacoes-maior-fabrica-biodiesel-mundo-mt-08-01-07.htm>).

Outra informação ressalta a autorização da Agência Nacional de Petróleo para o início das operações de quatro usinas de biodiesel no Estado do Mato Grosso. Entre elas está a unidade da ADM, a maior do Brasil, com capacidade diária de 565 mil litros, ou 169,5 milhões de litros por

ano. A capacidade da ADM é equivalente à produção somada das três usinas que estão sendo construídas pela Petrobras e 50% maior do que a anterior líder Caramuru.

A unidade da ADM localiza-se no município de Rondonópolis. As demais usinas autorizadas a funcionar são:

- Araguassú, Sorriso (MT): 100 mil litros por dia, 30 milhões de litros/ano;
- CLV, Colíder (MT): 75 mil litros por dia, 22,5 milhões de litros/ano;
- Cooami, Sorriso (MT): 10 mil litros por dia, 3 milhões de litros/ano;
- Cooperbio, Lucas do Rio Verde (MT): 10 mil litros por dia, 3 milhões de litros/ano.

A autorização da ANP para a operação dessas cinco usinas de biodiesel eleva o número de unidades produtoras legais para 45 e a capacidade produtiva teórica (considerando 300 dias de operação) para 1,826 bilhão de litros por ano.

Com essas unidades, o Mato Grosso passa a ter onze usinas de biodiesel com capacidade de produção conjunta de 1,2 milhão de litros por dia ou 361,7 milhões de litros por ano (300 dias de operação). Com isso, o estado passa à liderança nacional do ranking de capacidade produtiva, superando o Rio Grande do Sul, com volume diário de 1,032 milhão de litros.

A ADM pretende investir na produção de etanol no Brasil, em uma parceria com o ex-ministro Antonio Cabrera. Com recursos da ordem de US\$ 3 bilhões para investir no País, foi definida a cidade onde será implantada a primeira usina do grupo: Jataí, no estado de Goiás, em uma área de 35 mil hectares (Dinheiro Rural. “A dona do etanol quer conquistar o Brasil”. Edição 47, ano 5, setembro de 2008).

Em 1902, George A. Archer e John W. Daniels iniciaram o esmagamento de linhaça. Em 1923, a *Archer-Daniels Linseed Company* adquiriu a *Midland Linseed Products Company*, e formou a Archer-Daniels-Midland – ADM. A partir de então, a empresa, surgida de uma aquisição, passou a inovar constantemente, seja na trituração, no processamento, em ingredientes especiais de alimentação como cacau, etc. e também investiu em uma série de aquisições. Seu crescimento resulta, portanto, da estratégia de aquisições e inovações constantes, apresentadas no Quadro 2, a seguir ((Fonte: <http://www.adm.com/en-US/company/history/Pages/default.aspx> Tradução livre do autor).

Quadro 2: Histórico da ADM

1923	A companhia emprega seu primeiro químico. Ocorre a compra da Companhia Midland de Produtos Linhaça e a mudança de nome para Archer Daniels Midland.
1924	John W. Daniels deixa a posição de presidente e transforma-se em <i>chairman</i> . Shreve M. Archer é nomeado presidente.
1925	A companhia constrói seu primeiro elevador de grãos em Minneapolis
1927	Aquisição da Armour Grain Company, formando a divisão de grãos da ADM.
1929	A ADM adquire companhia de Cleveland (de Werner G. Smith) o maior fabricante de óleos do país na época e começa esmagar soja em suas plantas de Toledo e Chicago, tornando-se líder no esmagamento de soja nos Estados Unidos.
1929	ADM adquire a <i>Commander Larabee Corporation</i> , uma das maiores operadoras de esmagamento de soja da época.
1931	John W. Daniels é afastado e George A. Archer é nomeado <i>chairman</i> .
1933	Início da fabricação de alimentos.
1934	Instala a primeira unidade de extração contínua nos Estados Unidos na planta de Chicago e começa a extrair óleo de soja
1939	Início da construção da maior planta de extração de óleo do mundo, à época, em Decatur,

	Illinois.
1952	O número de empregados da ADM é superior a 5000.
1954	Aquisição da divisão de resina e produtos químicos de plantas em Newark, New Jersey e Pensacola (Flórida).
1955	Samuel Mairs é afastado. Nenhum presidente será nomeado até 1958.
1957	Incorpora o negócio da soja.
1958	É eleito presidente John H. Daniels.
1963	Término da construção de terminal em Destrehan, Louisiana, de exportação de grãos.
1966	Início da produção de proteína vegetal texturizada na planta de Decatur.
1967	As vendas líquidas e de funcionamento aumentam a \$ 371.625.700 e criam o salário líquido de \$ 4.370.293. A equidade de acionista levanta-se a \$ 91.297.180. A ADM vende seu grupo químico ao do óleo de Ashland; Companhia de refinação para reposicionamento em produtos agrícolas. Adquire uma frota de trinta barcas, inicia sua frota do transporte. ADM termina sua planta em Decatur, Illinois, de refinação e hidrogenação de óleo de soja.
1969	A ADM transfere seus escritórios e laboratório de pesquisa para Decatur, Illinois.
1969	Forma uma divisão para introduzir no mercado uma variedade de produtos alimentares e nas áreas industriais, incluindo TVP
1970	As operações de alimentos da Vanier são compradas.
1971	A ADM adquire 83% da Milho Edulcorantes, Inc., uma planta de trituração localizada em Cedar Rapids, Iowa
1972	A ADM forma a American River Transportation Company.
1973	A ADM adquire 53% da British Arkady.
1974	ADM adquire plantas de soja na Holanda e no Brasil, as primeiras plantas de processamento na Europa e América do Sul
1978	Durante o embargo de óleo árabe, o presidente Carter pede a Dwayne Andreas para converter uma planta nova de óleo para álcool.
1980	Criação da ADM Industrial Oils. A planta de etanol de Peoria, Illinois, foi comprada.
1981	Início da produção de álcool etílico em uma planta em Cedar Rapids, Iowa.
1982	A ADM adquire uma planta de produção de álcool denominada <i>Clinton</i> , em Iowa.
1983	ADM adquire participação na A. C. Toepfer, e estabelece a ADM Ásia Pacific Ltd., em Hong Kong.
1984	O presidente Ronald Reagan visita a ADM.
1985	ADM adquire elevadores de uma empresa chamada Growmark e estabelece os sistemas de transporte ADM/GROWMARK, Inc
1986	Expansão na Europa: ADM adquire plantas da Unilever em Hamburgo, na Alemanha Ocidental e Países Baixos.
1988	ADM compra o negócio de processamento de soja, girassol e canola da planta de Velva, North Dakota da companhia de processamento de Midwest, Inc.
1989	ADM constrói uma planta de proteína de soja em Decatur
1991	ADM entra no negócio do ácido cítrico. Adquire planta de álcool etílico em Walhalla, North Dakota.
1992	ADM constrói planta piloto para operações de canola e biodiesel em Leer, Alemanha. O ex-presidente soviético, Mikhail Gorbachev, visita a ADM.
1994	Expansão na Ásia: investimentos na Wilmar holdings, Singapore, são feitos com JV partner; primeiro investimento é iniciado na China, na East Ocean Oils & Grains (EOGI) in Zhangjigang.
1997	ADM entra no negócio do cacau. Expansão no Brasil com a aquisição brasileira das operações de grãos da Glencore's Brazilian, incluindo uma matriz em São Paulo, aproximadamente trinta e três elevadores de grãos e uma fábrica de tratamento de fertilizante. Adquire também a Companhia Moorman de Fabricação e subsidiárias.
1998	Primeiro Ministro de Israel Shimon Peres visita a ADM.
2000	Início da construção de cinco plantas de esmagamento na China.

2001	ADM adquire a Doysan Yag Sanayii, um produtor turco de óleo vegetal com esmagamento da planta, refinaria e empacotamento de operações.
	ADM adquire a Sociedad Aceitera del Oriente S.A. (SAO), um produtor boliviano de óleo vegetal com esmagamento da planta, refinaria, operações de empacotamento, e elevadores de grão.
	ADM anuncia um novo logotipo e uma campanha de publicidade incorporando novos projetados e o compromisso da companhia com a natureza e a agricultura global.
	ADM faz a história ao se transformar na primeira companhia norte-americana a assinar um contrato com Cuba desde o início do embargo econômico imposto há quarenta anos atrás.
2002	ADM conclui a aquisição de processadores do milho de Minnesota, LLC (MCP). Com a aquisição, a ADM acumula plantas do milho situadas em Marshall, em Minnesota, e em Columbo, Nebraska.
	O número de empregados da ADM é superior a 24.000.
2003	ADM aumenta a presença na América do Sul adicionando cinco silos de armazenamento de grão no Brasil.
2005	A Agência de Proteção Ambiental cede a ADM uma licença verde para um processo químico conhecido como a interestificação enzimática, que conduziu ao NovaLipid™ 0 gramas de transporte por óleos e shortenings do serviço.
	ADM anuncia planos para expandir sua capacidade de produção do álcool etílico com a adição de dois moinhos secos de milho situados junto aos moinhos “molhados” existentes em Columbo, Nebraska, e em Cedar Rapids, Iowa.
	ADM lança programa social e ambiental para práticas de agricultura responsável (SERAP), que oferece incentivos financeiros para cooperativas da África Ocidental às práticas sustentáveis do cultivo seguro do cacau, a gerência e trabalho responsável e para proteção da floresta. Mais de 6.000 fazendeiros participam no programa em seu ano inaugural.
2006	ADM e Cambridge, Massachusetts anuncia planos para construir, em Clinton, Iowa, a primeira planta dedicada à produção de uma geração nova de plásticos de alta capacidade, renováveis e sustentáveis.
	ADM adquire os recursos de propriedade técnica e intelectual do Groupe Lysac, Inc., em um movimento para criar produtos biodegradáveis de recursos naturais e renováveis. Polímeros absorventes de Groupe Lysac -- feito primeiramente do amido, um pouco de produtos petrolíferos – e que pode ser usado em gerações novas de aplicações e produtos de consumo industriais, incluindo tecidos descartáveis.
	Patricia A. Woertz é nomeada CEO e Presidente da ADM
2007	Patricia A. Woertz é nomeada Chairman do Conselho Diretor da ADM. Permanece como presidente de companhia e CEO.
	A ADM e a Universidade de Purdue são selecionadas para receber financiamento do Ministério da Energia dos EUA para desenvolver pesquisa e comercializar um processo de fermentação que se use fermento altamente eficiente para converter materiais celulósicos em álcool etílico.
	ADM anuncia planos para construir uma planta de processamento avançada de cacau em Kumasi, Ghana.
	ADM anuncia parceria com ConocoPhillips para propor desafios técnicos envolvidos em processar biomassa – como grammas, resíduos da madeira e da colheita - no <i>biocrude</i> , um óleo cru renovável que possa ser processado da gasolina em refinarias existentes.
	ADM inaugura sua primeira instalação de produção completamente voltada para o biodiesel em Velva.
	ADM recebe o Prêmio GE Ecomagination pela economia de 1.5 bilhão galões da água por ano

	através da instalação dos sistemas de tratamento de água da companhia em Decatur, Illinois.
2008	ADM participa com o Consórcio Geológico do Midwest em um projeto de seqüestro de carbono, para armazenar 1 milhão de toneladas de dióxido de carbono na terra.
	ADM junta-se com Monsanto e Deere & Company em pesquisa sobre a forragem do milho – hastes, espigas e folhas de plantas de milho - como mantimento celulósico para a produção de combustível biológico, ou biomassa, para gerar vapor e eletricidade, e como ingrediente na alimentação animal.
	Nova planta de cacau da ADM, localizada em Hazleton, Pa., começa operações de armazenagem. Previsão de iniciar operações no terceiro trimestre de 2009.
	ADM forma joint venture com Stratas Foods para manufaturar, introduzir no mercado e distribuir produtos petrolíferos empacotados nos EUA e Canadá.
	ADM e Grupo Cabrera anunciam uma <i>joint venture</i> para produzir etanol de cana-de-açúcar no Brasil.

Fonte: Disponível em <http://www.adm.com/en-US/company/history/Pages/default.aspx>
Tradução livre do autor.

As informações, retiradas do endereço em inglês da empresa, e sintetizadas na tabela anterior foram traduzidas pelo autor, e nela não é mencionada a aquisição no Brasil do setor soja da Sadia (negócio realizado em 1997, por US\$ 165 milhões) (LODI, 1999, pg. 63). No caso, não foi encontrada evidência de que a Sadia fosse, à época, sócia da Glencore's Brazilian.

Quadro 3: Síntese da ADM no Brasil

Receita anual da companhia	US\$ 44 bilhões
Lucro de 2007 (metade veio do etanol)	US\$ 2,1 bilhões
Capacidade de produção de etanol nos EUA	16 bilhões de litros
Previsão de investimentos em novas usinas no Brasil	US\$ 3 bilhões
Capacidade de moagem de cana do Grupo	45 milhões de toneladas

Fonte: Dinheiro Rural. “A dona do etanol quer conquistar o Brasil”. Edição 47, ano 5, setembro de 2008. Elaboração do autor.

A LOUIS DREYFUS COMMODITIES (LDC)

A LDC atua no Brasil desde 1905, quando iniciou no comércio de algodão e trigo. Em 1942, adquiriu a Comércio e Indústrias Brasileiras - Coimbra S.A., e expandiu suas atividades para o comércio de açúcar, produtos cítricos e café.

A partir dos anos 90, a empresa ampliou a produção agrícola da área de cítricos e de oleaginosas. No início de 2000, a Louis Dreyfus Commodities, que já possuía atividades de processamento de cana-de-açúcar no Brasil, adquiriu oito usinas de açúcar e etanol, formando a LDC Bioenergia. Em outubro de 2009, a partir da associação com a Santelisa Vale, a companhia deu origem à LDC-SEV, atingindo então a segunda posição no ranking das maiores empresas no segmento (Disponível em <http://www ldcsev.com/> Acessado aos 14/02/2010). É uma das grandes empresas que mais investiu no setor sucroalcooleiro, através de diversas aquisições.

O GRUPO MAEDA

Criado por família de imigrantes japoneses, o Grupo Maeda cresceu a partir do plantio e comercialização de milho, arroz e algodão, inicialmente no município de Ituverava (SP).

Posteriormente, na década de 70, foi pioneiro na expansão para a região Centro-Oeste, onde passaram a produzir soja e depois a industrializá-la. Responsável pela produção de 26 mil hectares de algodão em 1994, o Grupo Maeda também adquiria a safra de outros produtores (mais 60 mil ha). No mesmo ano, o Grupo detinha a posse de 80 colheitadeiras, então a maior frota em operação na América Latina (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/21/dinheiro/14.html> Acessado aos 20/03/2010). O Grupo colheu 36 mil toneladas de algodão em pluma em 1998 (Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/21/dinheiro/13.html> e <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/agrofolh/fa30069809.htm> Acessado aos 19/03/2010).

Em 2004, a Cargill adquiriu a unidade de produção de gordura vegetal do Grupo Maeda, localizada em Itumbiara. Interessante notar que, nesta cidade, as unidades do Grupo Maeda e Cargill encontravam-se em terrenos limítrofes, configurando verdadeira concentração territorial da produção.

Com esta aquisição, a Cargill passa a produzir 12 mil toneladas por mês de gordura vegetal, e assume o segundo lugar no segmento (posição ocupada então pelo Maeda), sendo que a liderança era da Bunge Alimentos (“Aposta em gordura vegetal”. Valor Econômico, 05/07/2004). No mesmo período, o Maeda associa-se com a British Petroleum – BP e com a EBC Treiffus na criação da Tropical Bioenergia. A BP detinha 50% do grupo, e a outra metade era do Grupo Maeda (25%) e os 25% restantes eram da EBC. Em 2008, o Grupo Maeda aparece classificado em 970º pelo Valor Econômico (Valor Econômico: “Valor 1000”. Agosto 2009, nº 9, p. 112). Em 2010, o Grupo vendeu 86% para o fundo Arion Capital, representando os interesses de Enrique Bañuelos, investidor espanhol do setor imobiliário (adquiriu no Brasil a Abyara e a Klabin Segall).

A aquisição realizada pelo Arion reflete estratégia de diversificação do investidor interessado no setor de alimentos e agronegócios (Disponível em <http://www.agrolink.com.br/noticias/NoticiaDetalhe.aspx?codNoticia=1110> Acessado aos 28/08/2010), e a totalidade da Tropical Bioenergia foi adquirida pela BP em 2011 (Disponível em: <http://www.unica.com.br/noticias/show.asp?nwsCode={8F1FE2CB-DB01-4FAA-912C-D8D2E33CF91F}> Acessado aos 02/10/2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caracterização do setor soja brasileiro foi realizada com base em farto material publicado pela imprensa, e por trabalhos de campo em algumas dessas grandes empresas do setor (Bunge e ADM, em Rondonópolis/MT, Caramuru, em Itumbiara/GO, etc.), onde foi possível entrevistar funcionários da produção e do setor de marketing, e mesmo alguns dirigentes dessas instituições. Além do material empírico, foi possível pesquisar a produção teórica relativa ao tema, relativamente escassa na geografia, mas muito profusa em outras áreas do conhecimento no momento em que a pesquisa foi realizada. Deve-se ressaltar, entretanto, que o trabalho se referia a uma comparação, em termos da acumulação do capital entre setores distintos da economia nacional (setores estudados: frigoríficos, soja e sucroalcooleiro). Tentou-se, portanto, caracterizar e analisar a intensificação do processo de fusões e aquisições no Brasil, a composição e a origem do capital das empresas em cada um dos setores, e a participação intra-setorial das empresas nos três segmentos.

Um aspecto do trabalho foi a consideração e comparação de *rankings* (classificações de empresas realizados por diversas publicações) setoriais que auxiliaram na percepção do oligopólio estrangeiro dominando o setor sojífero nacional, com a presença marcante nessa indústria das gigantes Bunge (antiga Bunge Y Born) (EUA), Archer Daniels Midland-ADM -

EUA, Cargill - EUA, Louis Dreyfus Commodities, esta, francesa. Dentre as estratégias das empresas, muitas delas estratégias geográficas, através de fusões e aquisições estabeleceram diversificação da sua atuação e passaram a atuar no setor sucroalcooleiro (Bunge, ADM, LDC) ou na produção de biodiesel (ADM, JBS, Caramuru), etc..

Deve ser ressaltada a relação existente entre a importância da participação do setor produtor de soja e óleo de soja na geografia econômica brasileira, correlacionado ao processo de desnacionalização e também desindustrialização em curso, considerado “normal” no caso das economias capitalistas “maduras”, mas que, no caso brasileiro, deve ser tratado com cuidado, seja pela ampliação de uma pauta de exportações de produtos primários e commodities, bem como pela dependência dessas exportações em situações de crise como a atual, caso da União Europeia e EUA, ou mesmo para a China, o maior importador de soja do Brasil e diversos produtos (minério de ferro, etc.), considerando a dependência de uma única alternativa: exportação de commodities, e reprimarização da economia nacional.

REFERÊNCIAS

BARROS, B. T. de. **Fusões e Aquisições no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

BERNARDES, J. A. “As estratégias do capital no complexo da soja.” In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA, R. L. **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BIODIESEL BR. *Usinas de Biodiesel do Brasil*. Mapa, 2011. Colorido, sem escala. Disponível em www.biodieselbr.com

FREITAS, C. H. & PENTEADO, M. S. **Biodiesel: energia do futuro**. Monte Alto (SP): Letra Boreal, 2006.

GRUPO IDEA. *Usinas de açúcar e etanol no Brasil em 2011/2012*. Mapa, 2011. Colorido, escala: 1:2.7000.000.

LIMA, L. C. O. “Sistema produtivo da soja: oligopólio mundial, investimento estratégico e arena competitiva” UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <http://www.sober.org.br/palestra/13/494.pdf> Acessado aos 03/06/2010.

LODI, j. b. **Fusões e aquisições: o cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus: 1999.

MAMIGONIAN, A. e REGO, J. M. **O pensamento de Ignácio Rangel**. S. Paulo: Editora 34, 1998.

MIRANDA, J. C. & MARTINS, L. “Fusões e aquisições de empresas no Brasil”, **Economia e Sociedade**, Campinas (14): 67-88, jun. 2000.

RANGEL, I. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SILVA, C. A. F. da. **Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira**. Cuiabá: Entrelinhas, 2003.

VEIGA, P. da M. (org.). **O Brasil e os desafios da globalização**. Rio de Janeiro: SOBEET e Relume Dumará, 2000.